

“É preciso ir para as ruas”: relato de experiência sobre os encontros musicais do Grupo de Práticas Vocais Coletivas da UNIPAMPA (Bagé-RS)

Luana Zambiazzi dos Santos
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
luanasantos@unipampa.edu.br

Lúcia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA
luciateixeira@unipampa.edu.br

Comunicação

Resumo: Nesta comunicação buscamos relatar algumas das experiências vividas no projeto de extensão “Grupo de Práticas Vocais Coletivas da UNIPAMPA”. Procuraremos apresentar a proposta pedagógico-musical, dinâmicas e perfis envolvidos nas atividades musicais e possíveis reverberações músico-sociais que temos notado durante o andamento do projeto. Baseadas nas avaliações de integrantes do Grupo, refletimos brevemente sobre as atribuições das atividades nos seus cotidianos, as mobilizações no entorno e os anseios dos participantes com a continuidade do projeto. Por fim, acreditamos que “ir para as ruas”, como propõe um participante, trata-se de potencializar o lugar da extensão universitária no contexto local, promovendo o compartilhamento da dimensão processual provocada pelas atividades musicais, podendo acionar um acercamento demandado pela sociedade envolvente - um movimento que possa dar conta da nova configuração social da cidade, afetada de forma contundente pela presença da universidade nos últimos dez anos.

Palavras chave: práticas vocais coletivas, extensão universitária, educação musical.

1 O Projeto no contexto local

Final de semestre, avaliação das atividades em grupo. Pensamos em propor uma avaliação por escrito, acreditando que aqueles que não quisessem se pronunciar oralmente pudessem expressar textualmente sua percepção acerca das atividades desenvolvidas. Aquele era o último dia de ensaio do grupo em 2016/1 - recém havíamos nos apresentado musicalmente no saguão do Campus Bagé e nos preparávamos para uma confraternização de final de semestre.

O Grupo de Práticas Vocais Coletivas é um projeto de extensão do Curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA, tendo como foco as práticas vocais e buscando

envolver a comunidade interna da Universidade - docentes, discentes, técnicos, pessoal de serviços terceirizados - e a comunidade externa, ou seja, indivíduos não necessariamente ligados a atividades universitárias, mas interessados em práticas musicais coletivas que envolvam o uso da voz. A partir das experiências acumuladas no primeiro semestre de desenvolvimento do projeto em 2015/2 e, ao perceber as demandas da comunidade, optamos em 2016 por ampliar seu alcance, buscando incluir o público infanto-juvenil. Em 2015/2 o grupo era formado por aproximadamente 40 integrantes, com idades entre 16 e 65 anos. Em 2016/1, o grupo adulto reuniu em torno de 40 cantores; o grupo infanto-juvenil, com crianças de 6 a 13 anos, contou com aproximadamente 10 crianças - muitos/as dos/as quais vinham cantar acompanhados de seus familiares, integrados ao grupo adulto.

O projeto foi elaborado a partir da necessidade de o Curso de Licenciatura em Música ofertar à comunidade interna e externa atividades que envolvessem a prática do canto coletivo, uma vez que, no componente curricular Canto Coral, já havíamos contado com a participação de pessoal não discente, vinculado à UNIPAMPA. A atividade foi impulsionada, ainda, pela participação do Curso de Licenciatura em Música como parceiro do Projeto de Extensão Música nas Escolas do Rio Grande do Sul, promovido pelo MEC/UFRGS, e que se caracterizou como curso de formação musical para professores, envolvendo, em sua maioria, profissionais das redes estadual e municipal de ensino. Um dos eixos ofertado no curso mencionado referia-se à atividade de cantar e muitos professores, quando consultados, se interessaram na continuidade de suas práticas vocais em futuro curso de extensão ministrado por docentes ligados ao Curso de Música da UNIPAMPA.

Quando o Grupo iniciou, ainda em 2015/2, acreditávamos que poderia potencializar novas miradas da sociedade envolvente em direção à universidade, convidando e motivando a comunidade local a aproximar-se e manter-se participante das ações universitárias contínuas e de média duração. Tínhamos (e continuamos a ter) em mente a perspectiva de aproximação à comunidade de forma inclusiva, ao envolver integrantes sem qualquer imposição de pré-requisitos musicais e sem pré-julgamento de suas experiências prévias com música. Da mesma forma, buscávamos intensificar o envolvimento da comunidade acadêmica com os atores sociais locais, moradores de Bagé e arredores.

O campus Bagé, local em que ocorre o projeto de extensão, situa-se em um bairro periférico da cidade, distante aproximadamente 7 km de seu centro - o que, para uma cidade que costumeiramente mobilizava-se a partir do seu entorno rural, é considerado entre os habitantes locais como distante. A UNIPAMPA, portanto, experiencia um dos desafios provocados pelo estabelecimento de universidades federais em regiões fora dos eixos centrais do país, tentando desconstruir não apenas a distância geográfica, mas também a distância simbólica e social que circunda o campus Bagé.

É nesse contexto que o Grupo de Práticas Vocais Coletivas encerrava o semestre e, quando perguntamos aos/às integrantes se poderiam escrever sobre suas percepções quanto às atividades desenvolvidas, alguns deles/as espontaneamente pediram a palavra. Uma fala nos marcou sobremaneira. Um dos cantores, pai de uma menina cantora de 6 anos, também participante do grupo, contou que quando havia ingressado no projeto, no início de 2016, não imaginava que “daria certo”. Disse que percebia a diversidade de experiências com música dos ingressantes, a diversidade de perfis e de vozes e questionava-se quanto à “real possibilidade” de conseguirem cantar em conjunto. Mas, por fim, chegava ao final do semestre realizado e considerava fundamental que o grupo “fosse para as ruas”. A frase não teve muita explicação por parte do cantor, embora tenha insistido que a cena local juvenil - parecendo dar destaque aos espaços populares da cidade - deveria interagir com o grupo. A sugestão foi acolhida positivamente pelos outros cantores, e, posteriormente, nas avaliações por escrito, percebemos a motivação de vários integrantes para com a sua fala. “Ir para as ruas”, mais do que o anseio por uma apresentação musical em espaços públicos da cidade, parecia expressar o desejo de compartilhar o processo de engajamento músico-social em que o grupo estava envolvido.

2 Encontros musicais

2.1 A perspectiva pedagógico-musical

O Grupo de Práticas Vocais Coletivas da UNIPAMPA foi proposto como um lugar de expressão músico-vocal, buscando não estar atrelado à ideia de canto coral tradicional, que recorrentemente é dividido em vozes masculinas e femininas e busca

certa homogeneidade no trabalho vocal. Os fluxos semestrais movidos pela renovação de integrantes, incluindo saídas e entradas de novos cantores, têm nos mobilizado a pensar em estratégias musicais que possam configurar diversas formações vocais, o que tem sido captado e acolhido pelos/as cantores/as. Ademais, a preocupação principal com a atividade do grupo, desde o princípio, não tem sido a montagem de repertório, mas a aproximação dos participantes da expressão artística, por meio do uso da voz e do corpo. Para aqueles que ingressaram com experiências prévias de canto coral, esse posicionamento pedagógico-musical tem sido entendido como uma forma de “trabalhar de um jeito diferente em grupo”, o que é apontado como uma possibilidade de “abrir um mundo novo para quem não se via cantando”, de acordo com participantes. Por isso, o repertório proposto tem envolvido músicas do cancionário popular, *negro spirituals*, canções de povos tradicionais, incluindo indígenas e africanas, com arranjos prontos para três ou quatro vozes, cânones e/ou arranjos adaptados/escritos pelas coordenadoras. O grupo canta *a cappella*, mas também pode incluir acompanhamento de instrumentos de percussão ou piano.

A medida que os encontros foram acontecendo, desde o início do semestre, os integrantes, individualmente, realizaram exercícios de extensão vocal e foi feita uma classificação vocal inicial que permitisse a divisão das vozes por naipes, quando necessário. O momento da “escuta vocal” foi tornando-se também espaço para um primeiro contato mais próximo com os/as cantores/as. Ali, os/as ingressantes comentavam brevemente seus anseios, expectativas quanto ao grupo e experiências musicais anteriores - podendo envolver ou não canto em conjunto -, em meio a momentos de timidez em face da situação colocada. Ora, a situação parecia envolver certa memória coletiva¹ quanto à “classificação vocal” - lembrada pelos cantores/as por seu caráter seletivo, acompanhada de relatos de casos de reprovação nos conhecidos “testes de voz”, contados em tom de decepção. Assim, os exercícios vocais para a escuta eram entremeados de lembretes, realçando que aquele momento não se tratava de um teste, senão apenas de uma escuta inicial para conhecer a voz de cada cantor/a e posicioná-lo/a em naipes.

¹ Aqui, nosso entendimento de memória coletiva coaduna-se àquele proposto pelo sociólogo Maurice Halbwachs, sendo especialmente importante o seu estudo sobre memória coletiva entre músicos (HALBWACHS, 1990).

2.2 As atividades musicais

As atividades do projeto são realizadas uma vez por semana, à noite, das 19h30min às 21h30min. Como coordenadoras, ambas com formação em regência coral e docentes do Curso de Licenciatura em Música, conduzimos o ensaio. O trabalho é iniciado com exercícios de alongamento e relaxamento corporal seguidos do aquecimento vocal. Utilizam-se duas salas com piano quando o grupo adulto e o infanto-juvenil são divididos.

Uma parte do horário de ensaio compõe os componentes curriculares complementares de graduação Regência Coral na Educação Musical I e II², nos quais os discentes neles matriculados participam cantando, ensaiando naipes e, eventualmente, ensaiando peças completas, seja com o grupo adulto ou com o grupo infanto-juvenil. Os cantores também parecem acolher os licenciandos em música sob a perspectiva aprendizagens e de seu acompanhamento: “Pudemos ver um pouco sobre como ocorre a formação de regentes”; “Ter participação de alguma forma na formação dos acadêmicos de música, isso é fantástico!” (avaliações de cantores).

Os encontros costumam ser marcados por descontração dos integrantes, com desenvolvimento de repertórios específicos do grupo infanto-juvenil e do adulto, bem como músicas que são cantadas por todos. O momento do ensaio é, antes de tudo, um momento para o encontro das pessoas. São características marcantes do grupo a disponibilidade e prontidão para as atividades propostas, além da agilidade na assimilação do repertório musical.

Dentre o público adulto, boa parte dos cantores atua como professor/a na rede municipal ou estadual de ensino local e já trabalha ou tem grande interesse em trabalhar com práticas musicais em seu cotidiano docente. Uma das professoras, atuante na educação infantil, salientou em sua avaliação: “O grupo em si só me fez confirmar que temos que usar a música não como forma de comando em sala, ou seja, para ações como escovar os dentes ou lanchar e, sim, que a mesma seja prazerosa e adentre alma e coração”.

O perfil variado de participantes e as diferentes motivações para ingresso no grupo parecem criar múltiplas percepções sobre a formação do grupo:

² Regência Coral na Educação Musical I: é ofertado no primeiro semestre do ano; Regência Coral na Educação Musical II: é ofertado no segundo semestre do ano.

- Pessoas antes desconhecidas e hoje unidas pelo canto;
- Num primeiro momento aceitei vir para trazer minha filha e acabei me encantando e decidi fazer parte. Aqui, observei que vai além do gostar de música, precisa sentir e até vivê-la através dos movimentos;
- No início das aulas não queria participar, vim só acompanhando minha mãe, mas com o decorrer do tempo comecei a me encantar, não só com as músicas, mas sim com os colegas e professores. Estou adorando e pretendo continuar; não gosto de faltar e, quando falto, sinto falta. Para mim foi um desafio, pois sou um pouco tímida, e tinha vergonha de cantar em público.

As aprendizagens advindas da socialização são também relevantes, como relataram alguns participantes na avaliação escrita:

- Pessoas com vivências tão diferentes se unindo em um mesmo propósito, acredita[ndo] que todo mundo pode e consegue cantar, independente de conhecer sobre música e ter voz;
- Foi um desafio para mim, pois sempre me considerei sem ritmo, sem voz para cantar e descobri que juntos somos mais, somos um grupo e podemos muito mais.

Dias (2011, p. 197) ressalta a relevância da prática vocal coletiva não somente no aspecto do desenvolvimento estético e artístico, mas também educativo e social, atendendo às demandas dos participantes no que tange à “sua relação consigo mesmo e com a alteridade”. Nesse aspecto, a diversidade de identidades também foi destacada como positiva: “Gostei muito de estar em um grupo tão heterogêneo (em todos os aspectos); vivi momentos encantadores ‘descobrimo’ tantas gentes e ‘soando’ com elas”. A partir dessa diversidade, alguns integrantes parecem entender que a força do coletivo atua na dinamização de seus cotidianos e trajetórias, quando falam sobre as sensações vivenciadas durante os ensaios: “Sentir-se confiante em si próprio”; “Eu me divirto, me alegro, eu me renovo a cada aula”. Apesar da diversidade, alguns cantores que têm participado desde o primeiro semestre de atividades do grupo apontam continuidades positivas na sequência do projeto: “Mesmo com a entrada de vários outros elementos não perdemos a energia e sintonia que tínhamos no semestre anterior”.

2.3 Mobilizações no entorno

Os ensaios do grupo também vêm mobilizando as sonoridades do campus, sendo seus ensaios ouvidos por outros membros da comunidade universitária. Tornou-se costume que outros docentes, incluindo os de outros cursos, perguntem sobre as atividades e, em sua maioria, demonstrem apoio. Essa dinamização sonora tem feito com que o grupo receba convites para apresentações musicais.

No final do segundo semestre do ano passado o grupo realizou uma apresentação em evento das licenciaturas da UNIPAMPA - o Fórum das Licenciaturas - e, já naquela oportunidade, sinalizou uma disposição que lhe é peculiar. Rapidamente os integrantes definiram a roupa e os adereços a serem usados, bem como manifestaram concordância com a proposta de movimentação de palco. Neste semestre, novamente o grupo recebeu convite para apresentar-se no encerramento de encontro sobre educação inclusiva, também no auditório da universidade e, no último dia de atividades, antes da avaliação proposta e mencionada no início deste relato, apresentou-se no saguão do campus. Nessa oportunidade, foram regidos pelos discentes do Curso matriculados no componente curricular Regência Coral na Educação Musical I, que tiveram como tarefa principal do semestre, cada um, a preparação, ensaio e regência de uma música com o grupo. Também as crianças receberam convite, durante o semestre, para apresentarem-se no SESC, já que uma das integrantes do grupo adulto é professora da educação infantil naquela instituição e tinha interesse em integrar os estudos de seus alunos, sobre as culturas indígena e africana, com o repertório afim desenvolvido pelo grupo infanto-juvenil de práticas vocais.

3 “Ir para as ruas”

Podemos, agora, retomar a abertura deste relato, seguindo a fala de um dos integrantes, e outros mais, no momento de avaliação do projeto: “é preciso ir para as ruas”. A frase nos marcou, pois, ritmada pelo sotaque local, pela voz de um habitante de bairro popular, víamos (e ouvíamos) que o grupo nos solicitava movimento - e um posicionamento. Como nos diz o cientista social Ulf Hannerz, “intensamente reflexiva, a cultura popular frequentemente nos conta algo sobre como seus produtores, assim como seus consumidores, enxergam a si mesmos e quais direções

gostariam que suas vidas tomassem” (2008, p. 111³). A fala ecoou nas sugestões por escrito de outros participantes: “Deixo como sugestão, como disse o colega, que pudéssemos envolver as crianças que estão nas escolas públicas [...]”; “Expandir, levar às ruas, dar oportunidade a cada vez mais pessoas - vamos sonhar alto e deixar brilhar”.

“Ir para as ruas”, nosso novo desafio, trata-se de dar continuidade à perspectiva processual, em que encontros musicais, ensaios e apresentações são momentos de engajamento músico-social e podem acionar um acercamento demandado pela sociedade envolvente. A ideia de aproximação do Grupo de Práticas Vocais Coletivas com “as ruas” da cidade parece envolver uma ação de maior dimensão que uma apresentação musical; um movimento que possa dar conta da nova configuração social local, afetada de forma contundente pela presença da universidade nos últimos dez anos - e que, com esperança, venha ao encontro da busca desses jovens, adultos e crianças pelo contato com a prática musical e com a vida universitária - e as concepções possivelmente a ela atribuídas.

4 Reflexões Finais

Finalmente, podemos interpretar que os encontros musicais promovidos pelo grupo podem adquirir estatutos marcantes nas trajetórias dos integrantes, incluindo as coordenadoras do projeto. Ao grupo é atribuída a energia vibrante dos engajamentos musicais e a potência para mover outros territórios. Por fim, o grupo parece nutrir-se dessa energia, conforme apontado por um dos cantores, com uma mensagem de final de semestre: “Parabéns por acreditarem nas pessoas”.

É também impulsionador que os integrantes do grupo, identificados e engajados com a prática musical inicialmente proposta, tenham construído essa trajetória juntos e sintam a necessidade de se ocupar também com o entorno. Como universidade jovem, ainda conquistando seu espaço social, é motivador que um dos braços extensionistas do Curso, tendo acolhido em seu seio o ensino e portando o ensejo da pesquisa, seja - ele próprio representado pela comunidade - o portador desse movimento em direção à possibilidade de ir além muros.

³ “Intensely reflexive, popular culture often tell us something about how its producers as well as its consumers see themselves, and in what directions they would like their lives to move”.

Para as coordenadoras fica presentificado o desafio pedagógico constante de sugerir práticas musicais que encontrem ressonância na vida dos/as cantores/as para que continuem tanto permitindo sua participação engajada no projeto quanto provocando considerações acerca da realidade “na relação com o mundo que os cerca” (SOUZA, 2004, p. 9). A inquietação dos integrantes, por meio da expressão “ir para as ruas”, pareceu provocar um estado de mobilização no grupo que já acenou o direcionamento da ação. Não nos percamos no caminho... é preciso tomar o sentido dos ventos.

Referências

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: Dois estudos de caso*. 2011. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva dos músicos. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 161-187.

HANNERZ, Ulf. The Global Ecumene. In: LECHNER, Frank J.; BOLI, John. *The Globalization Reader*. 3 ed. Malden: Blackwell Publishing, 2008. p. 105-116.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, publicação da Associação Brasileira de Educação Musical, Porto Alegre, V. 10, 93-99, mar. 2004.